

sobre tudo

“QUE RESTA DO ESPLENDOR DE OUTRORA?”: PASSAGENS POÉTICAS PELAS CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS GERAIS

George França⁸¹

Resumo: Este relato aborda a experiência de 2019 do Projeto Pés na Estrada do Conhecimento, descrevendo a viagem de estudos e pesquisa realizada com os estudantes dos nonos anos do Colégio de Aplicação da UFSC. O texto procura cruzar a experiência com a leitura de textos literários sobre as cidades históricas de Minas Gerais, realizada ao longo das aulas de Português em 2019 e reiterada na viagem. Por fim, pondera algumas dificuldades do projeto e possíveis caminhos para os próximos anos.

Palavras-chave: Iniciação Científica na Escola; Ouro Preto; Literatura; Poesia

Abstract: This text is about 2019 “Pés na Estrada do Conhecimento” project experience, and it aims to describe the study and research trip taken with the ninth grade students from UFSC’s “Colégio de

⁸¹ Doutor em Literatura pela UFSC. Professor de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: franca.george@ufsc.br

Aplicação” to Minas Gerais. We try to cross the travel experience with some literature written about the historical cities of Minas Gerais, bringing texts we discussed on the Portuguese classes. In the end, we try to discuss some difficulties and some possible ways to the Project in the next years.

Keywords: Researching on School; Ouro Preto; Literature; Poetry

Ouro Preto

Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada
Ribeirão trepidante e de cada recosto
De montanha o metal rolou na cascalhada
Para o fausto d’El-Rei, para a glória do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada:
Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto.
Esta agência postal era a Casa de Entrada...
Este escombros foi um solar... Cinza e desgosto!

O bandeirante decaiu – é funcionário.
Último sabedor da crônica estupenda,
Chico Diogo escarnece o último visionário.

E avulta apenas, quando a noite de mansinho
Vem, na pedra-sabão lavrada como renda,
– Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho!
(BANDEIRA, 1993, p. 167)

As pedras, resto do tempo dantes. O poema-pedra: o poema arquitetado como um conjunto de casas, como uma escultura lavrada. O poema-pepita rolando no cascalho, decadente, um quase-nada que resta. Pendendo por sobre tudo, uma mão a um só tempo descomunal, porém chegando de mansinho, avultando mas lavrando como renda, o espectro perseguido(r): o Aleijadinho. O poema, como aproximação ao

roteiro de viagem, “não podia ser de uma forma um pouco mais livre?”. “Quem estruturou a viagem desse jeito foi justo o cara que entrou com essa história de verso livre por aqui”. Viajar com guia, viajar com roteiro, viajar pela viagem, botar o pé na estrada, projetar o que fazer, fazer o projetar, somos mais de 50, somos tantos em tantos anos, somos viajantes e não turistas, somos experiência e passagem. Várias já eram as marcas antes mesmo de começar o trajeto.

*

Ouro Preto é uma cidade que me assombra desde que comecei a pesquisa que viria a render boa parte dos meus trabalhos acadêmicos, incluindo Dissertação e Tese. No entanto, não havia tido a oportunidade de ter uma experiência tão intensa com a cidade quanto em 2019, quando a visitei juntamente com os colegas e os estudantes participantes do Projeto Pés na Estrada do Conhecimento. Minha outra passagem pelo Projeto Pés na Estrada havia sido em 2014, ano em que a equipe optou por fazer apenas uma viagem, ligada à pesquisa sobre a matriz energética brasileira e a questão da terra e das barragens, indo a Abdon Batista, Itá, Aratiba e Foz do Iguaçu. Ao assumir os nonos anos neste ano, pela primeira vez participei da pesquisa sobre “As faces de um Brasil plural”, orientando três grupos de estudantes em Iniciação Científica que resolveram focar diferentes personagens e seus contextos: Aleijadinho, as histórias de assombrações contadas nas cidades pelas quais passamos - as quais os levaram ao fantasma do inconfidente Cláudio Manoel da Costa - e os líderes da Guerra dos Emboabas.

Talvez o fato de que meu trânsito com a cidade seja primordialmente literário tenha influenciado a escolha que fiz na abordagem que fiz da cidade nas aulas de Português, paralelamente à orientação dos projetos. Resolvi levar os estudantes até Ouro Preto através de poemas que tematizam a cidade e o Barroco mineiro. Várias eram as opções possíveis. Optei por começar com Manuel Bandeira,

mostrando em paralelo com seus poemas o primeiro **Guia de Ouro Preto**, publicado em 1938, nos tempos em que se inicia, no Brasil, a discussão sobre nosso patrimônio histórico e artístico nacional. Lemos juntos, em sala, a parte 4 do *Guia*, em que Bandeira fala das duas grandes “sombras” de Ouro Preto, “aquelas em que pensamos invencivelmente a cada volta da rua”: Tiradentes e Aleijadinho. Debatemos um pouco sobre como Bandeira estava tratando, também, as duas figuras históricas mais vultosas daquele lugar como personagens. Mal sabia eu o quanto seria importante estar com o *Guia* bandeirino comigo, ao olhar para a cidade e pensar as camadas de tempo ali sobrepostas a partir do olhar do poeta. Dizia Bandeira (2015, p. 43): “Não se pode dizer de Ouro Preto que seja uma cidade morta. Morta é São João del Rei. Ouro Preto é uma cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto.”

Desafiei os estudantes, em seguida, à leitura do poema *Ouro Preto*, de Manuel Bandeira. Algumas impressões foram muito interessantes nesse primeiro contato: a primeira passa pela dificuldade com a leitura do texto, o qual, embora tenha sido escrito por um poeta cuja leitura geralmente é marcada pelo clichê da coloquialidade, está longe de ser simples. É um soneto, metrificado, rimas alternadas, inversões sintáticas, referências históricas, travessões, apóstrofes, reticências. “Não entendi nada” é uma primeira e padronizada reação, embora ela não se sustente, de fato. Nunca acredito quando alguém lê um texto em língua materna e diz “não ter entendido nada”. E aos poucos, alguns lampejos foram surgindo. Por que o ouro se sucedendo entre preto, branco e podre? “Que bruxaria é essa” que todos os versos do poema têm doze sílabas, e regularidade de ritmo, numa arquitetura digna de um conjunto único como o que ali aparece? “Ele não podia ter falado disso em verso livre?” E assim nos púnhamos imaginando templos como fantasmas ao sol-posto, projetando como seria estar por aquelas ruas vendo o sol cair.

Ainda antes de viajar, nas aulas de leitura, entramos em contato com o **Romanceiro da Inconfidência**, de Cecília Meireles. Selecionei uma série dos romances para leitura e apresentação em sala, com cujos Romances fomos nos inteirando de maneira poética de cenas da história e das paisagens das Minas pelo olhar de Cecília: Marília e Dirceu, Tiradentes, Alvarenga Peixoto, Vicente Vieira da Mota, o degredo dos inconfidentes, o silêncio do alferes, os dentes do tal “Tiradentes”. Os textos selecionados acabaram por motivar um grupo de estudantes a autonomamente preparar em contraturno uma apresentação artística, performance teatral que ainda está em elaboração. Lemos os romances **do aviso anônimo, Das Pilatas, Dos delatores, Do Sapateiro Capanema, Do caixeiro Vicente, Do silêncio do alferes, De outros maldizentes, Da África do setecentos, De um tal Alvarenga, Do ouro fala, Cenário e Retrato de Marília em Antônio Dias**. Assistimos, ainda, ao filme de **Xica da Silva**, discutindo e problematizando a representação carnavalizada da escravidão e das relações raciais e de gênero na construção da personagem interpretada por Zezé Motta no filme de Cacá Diegues (não deixar de sublinhar que este tomou assento na Academia Brasileira de Letras tomando o lugar de uma escritora negra, Conceição Evaristo, para quem se fez ampla campanha e poderia ter sido a primeira acadêmica negra naquele espaço branco e elitizado). .

*

Partimos para as famigeradas vinte e quatro horas no ônibus da UFSC, conseguido não sem o custo habitual de muita luta pelos recursos em tempos em que o governo - com g minúsculo - tanto desvaloriza a educação e a ciência. Como de costume, garantir e fazer entender que a viagem de estudos do Projeto Pés na Estrada do Conhecimento é uma aula de campo, uma atividade de pesquisa realizada ao longo de toda uma semana, com projetos supervisionados por professores, demanda convencer as próprias autoridades da instituição da natureza e da

importância do trabalho pedagógico realizado. A isso se soma, sempre, o grande trabalho de viabilização financeira de recursos para os estudantes de baixa renda, alguns dos quais têm a primeira e por muito tempo única experiência de uma viagem interestadual através do projeto. Na longa estrada, com três orientadores em cada ônibus (José Carlos, George, Giselle, Renata, Claires, Fernando Leocino conosco na volta; Marivone em Florianópolis, trabalhando com os que não foram), juntamente com seus grupos, alguns dos estudantes reviam seus projetos de pesquisa, escreviam, liam, jogavam jogos de celular ou de cartas, e ainda, aproximavam-se de colegas de outras turmas.

Primeiro dia: igrejas, minas, feira

Após a chegada ao hotel em que ficaríamos hospedados nos próximos dias, que tinha quartos com nomes de inconfidentes, apenas deixamos as malas e já partimos para a exploração da cidade. O primeiro destino foi a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, com seus mais de 400 quilos de ouro incrustado em altares de diversas irmandades e detalhes e mais detalhes - onde reside o diabo. Um destes, que não poderia deixar de chamar a atenção, era uma representação do anjo Gabriel lutando contra um demônio, representado como um homem negro. Junto às marcas da fé, estavam também, em toda parte, as marcas da escravidão e da exploração colonial que conformaram o país como o temos ainda hoje, que insiste em negar que existam o racismo e outras formas de preconceito, mas com violência os projetam em nossa cara a toda hora. Era interessante notar, ainda, como a frequência a igrejas era hábito de poucos dos nossos alunos. Explicar os elementos da ornamentação implicava, por vezes, ter de contar histórias de santos, ou tratar de elementos próprios da mitologia e da ritualística católica. Lembro que ainda no Pilar perguntei ao guia sobre as procissões do Triunfo Eucarístico, sobre as quais Bandeira fala como se fossem algo

grandioso como as escolas de samba atualmente, salvaguardadas as proporções de quase três séculos separando uma coisa da outra. O *Guia* de Bandeira, aliás, acompanhou-me a viagem toda, e em vários momentos me vi sublinhando a diferença da Ouro Preto dos anos 30 para a atual. O Grande Hotel de Niemeyer, por exemplo, nem existia; a referência de hotel a que Bandeira reporta é o Toffolo, na principal rua da cidade.

Na saída da Matriz, reparei que havia esquecido os óculos escuros - sem os quais não vivo. Voltei ainda uma vez ao interior daquela igreja, não mais com os alunos e os colegas, mas apenas com a equipe que por ela zela cuidando da limpeza do chão. Explorei tudo novamente, detalhe a detalhe, mas não achei os óculos. Quem acabou os encontrando e me devolvendo depois foi o guia - não o de Bandeira, mas sim o da viagem. Almoçamos em um restaurante que dispunha de uma bonita vista da cidade - e de instalações do que um dia fora uma senzala. Ali os estudantes fizeram também sua primeira experiência da comida mineira - galinha de molho pardo, frango com quiabo, torresmo à pururuca, tutu, feijão tropeiro, angu de fubá, e depois a famosa mesa de doces que em todo lugar nos seguia com goiabada cascão, doce de figo, doce de abóbora, ambrosia e doce de leite. Até nesse momento se estuda - e para cada elemento desse cardápio surgia uma razão para explicar.

À tarde, os grupos de cada ônibus se separaram, e seguimos eu, Giselle e Fernando para um lado, e José Carlos, Renata, Claires e Gláucia para outro, com nossos grupos de orientandos. Fizemos alternadamente o mesmo percurso: primeiro, a Mina Santa Rita, onde fomos recebidos por Jefferson, um homem que soltava versos e, com muito bom humor, convidava os alunos a várias simulações, numa verdadeira aula sobre usos e costumes ligados à história de seu povo, que tanto sofre e tanto resiste, desde quando escravizado e ainda hoje. Entramos numa mina aberta à base de picareta pelos escravizados há

cerca de 300 anos, ele nos mostrou como daquelas pedras se extraem substâncias com as quais até hoje se produz maquiagem, e mais ainda, como se dava, ali, a procura por ouro e a morte lenta de muitos e muitos escravizados. Em dados momentos, apagou a luz, para que pudéssemos sentir a claustrofóbica experiência da escuridão, do frio e do medo; no fundo, bateu com uma picareta na pedra para que tentássemos imaginar o que seria passar horas a fio do dia assim, ensurdecendo. Mostrou, ainda, passagens por onde só conseguiríamos seguir de gatinhas, e para as quais eram enviadas crianças, exploradas no trabalho escravizado desde a mais tenra idade. Certamente que essa é uma experiência transformadora, para nós e para os estudantes: é muito diferente falar abstratamente sobre as condições desumanas em que se dava o trabalho escravizado - contra o qual é preciso lutar até hoje, já que são frequentes as denúncias de que há pessoas mantidas em condições análogas à escravidão país afora - e sentir, nem que seja um pouquinho, na pele, refletindo sobre a que ponto a sanha gananciosa do ser humano colonizador pôde chegar. Foi triste saber, dias depois, que o homem que tanto tinha nos ensinado havia sido internado para um procedimento cirúrgico - e por nem um momento sequer fez menção ou manifestação de dor. Fortaleza.

Sáimos dali para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Foi uma pena não poder ficar mais tempo desfrutando de cada símbolo daquele templo que foi erigido a mando de Chico Rei, essa mítica história do homem que era rei em África e que conseguiu se fazer rico e respeitado no que viria a ser o Brasil. As simbologias provocadoras estavam por toda parte - um deus negro acima de tudo velava por toda a igreja. O guia, também negro, explicava a resistência presente em detalhes como os santos escolhidos para estarem nos altares e detalhes que os ligavam a Iansã, Xangô e outros orixás. Lá estavam Santa Helena, São Benedito, Nossa Senhora Mãe dos Homens, Santo Antônio do Noto, Santo Elesbão e lembro particularmente de

uma Santa Ifigênia grávida. Estávamos, pois, num dos pontos mais altos da cidade, com uma linda vista, que rendeu umas tantas fotos. Sempre há momentos em que o viajante se alterna brevemente com o turista em cada um de nós. Mas o objetivo da viagem era maior, e seguimos, ladeira abaixo - e que ladeira íngreme! - para o nosso próximo ponto. Passamos pelo que foi a casa de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, imortalizada por Tomás Antônio Gonzaga como a “Marília de Dirceu”. Hoje, ali está uma escola, que leva este nome, em bela construção branca e azul. Logo adiante, paramos na Ponte dos Suspiros, onde ouvimos a história do romance entre o poeta árcade que participou da Inconfidência e que acabou degredado e a moça, que ficou no Brasil e nunca se casou, depois da partida do noivo. Antecipava-se, de alguma maneira, algo que eles voltariam a estudar no primeiro ano do Ensino Médio, quando a historiografia literária brasileira toma conta do currículo da disciplina de Português. No entanto, como já tínhamos lido alguns dos versos de Cecília Meireles, retomei um deles e, sobre a ponte, declamei o seguinte poema:

Retrato de Marília em Antônio Dias

(Essa, que sobe vagarosa
a ladeira da sua igreja,
embora já não mais o seja,
foi clara, nacarada rosa.

E seu cabelo destrançado,
ao clarão da amorosa aurora,
não era esta prata de agora,
mas negro veludo ondulado.

A que se inclina pensativa,
e sobre a missa os olhos cerra,
já não pertence mais à terra:
é só na morte que está viva.

Contemplam todas as mulheres
a mansidão das suas ruínas,
sustentada em vozes latinas
de réquiens e de misereres.

Corpo quase sem pensamento,
amortalhado em seda escura,
com lábios de cinza murmura
“memento, memento, memento...”

ajoelhada no pavimento
que vai ser sua sepultura.)
(MEIRELES, 1972, p.215-216)

Saí dali pensando em mostrar aos alunos as casas de Gonzaga e de Cláudio Manoel da Costa - para encontrar esta última, eu e um grupo de orientandos ficamos para trás. O grupo explorava a história do Fantasma do Inconfidente, e achei que seria bom que tivessem a referência de onde ele, sobre cuja misteriosa morte falaríamos mais tarde, vivia. Na casa de Tomás Antônio Gonzaga, na praça em que há uma enorme feira onde se pode comprar todo tipo de *souvenir*, reparei no reboco exposto em parte da pintura, fruto talvez de alguma reforma sendo levada a cabo. Diferente da casa de Costa, ali há uma placa explicitando quem habitou aquilo que um dia foi um lar. Pela rua, reparávamos, ainda, na sobrevivência de pequenos oratórios com santinhas “públicas”, hábito que Bandeira mapeia nos relatos de viajantes europeus muito mais antigos, alguns pelos séculos XVIII e XIX. Ali, ao final de um dia de muito aprendizado e de muita caminhada, os estudantes se enchiam de pulseiras, o professor comprava artesanato de pedra-sabão, uma licoreira para decorar a casa, um terço de pedras para a tia devota, alguns badulaques, etc. O menino que me vendeu o objeto de pedra-sabão trazia nos olhos a alegria do que talvez tivesse sido a única venda do dia; tão jovem e trabalhando... o pai ao lado recendia a álcool. Por onde andava sua infância? Outro homem me

aborda oferecendo pedras preciosas, falando do preço dos gramas... “sou professor, moço, não milionário. Aliás, do jeito que o governo nos trata...” Por fim, partimos para o hotel, finalmente tomar um banho - depois de 24 horas de viagem e de um dia inteiro de caminhada - e depois jantar. À noite, ainda, gravamos alguns *takes* do audiovisual de um dos grupos que eu orientava, com Beatriz, Isadora Shah, Hamilton e Arthur, que queriam mostrar histórias de assombração e lendas urbanas das cidades por onde passamos - trabalho que acabou dominado pela história da morte na prisão de Cláudio Manoel da Costa, potencialmente “suicidado” por aqueles que o prenderam, da mesma forma que, na ditadura civil-militar, Herzog⁸².

Segundo dia: Brumadinho e Inhotim

No dia seguinte, uma terça-feira, partimos cedo para Brumadinho e Inhotim. De Ouro Preto até ali seriam três horas de viagem de ônibus, passando por Belo Horizonte. O cansaço do dia anterior ainda fazia muitos cochilarem no ônibus, até a chegada a Brumadinho. Fomos recebidos pela professora Rose, contatada pelo professor Fernando, em um centro cultural novo, num lugar alto do centro da cidade. “Este centro foi inaugurado pouco antes da tragédia da barragem do Córrego do Feijão. Quando o desastre ocorreu, vários dos corpos encontrados em meio à lama foram trazidos para cá e velados aqui. Por isso, hoje a comunidade acha que aqui é um lugar de velórios, e não um centro cultural. Vez ou outra, estamos fazendo alguma atividade, como um curso ou um debate, e chega alguém

⁸² Devo essa observação ao professor de História das turmas com que trabalho este ano, Eduardo Gomes Silva, que ficcionaliza o encontro entre o fantasma de Herzog e um Costa prestes a morrer em SILVA, Eduardo Gomes; WILK, Flávio Braune. *Imagens possíveis - Karpfen, Carpeaux, Ouro Preto. Domínios da Imagem*, Londrina, v. 7, n. 14, p. 131-148, jan.-jul. 2014.

perguntando quem morreu.” Essa fala, da professora Rose, me marcou bastante de chegada à cidade. De mais a mais, um município pequeno como tantos, mas no qual ficaram as marcas indeléveis do crime ambiental perpetrado pela Vale. A experiência da visita a Brumadinho, feita pela primeira vez neste ano de 2019, além de mostrar aos estudantes *in loco* um acontecimento histórico muito recente, conectou a experiência do estudo dos atingidos por barragens, no primeiro semestre, com as barragens de mineração, que hoje tanto preocupam as populações que vivem próximo e já resultaram em muitas mortes e tragédias. Se em Itá eles conheceram uma barragem de produção de energia, a UHE Itá, ali estavam vendo o que eram barragens de rejeitos, e como a mineração e a ganância marcam a paisagem. Saímos do centro cultural em direção à comunidade do Córrego do Feijão, e seguíamos vendo barro e mais barro pela beira da estrada, muitos caminhões trabalhando, e num determinado ponto, a imagem chocante de um enorme pontilhão de concreto que teve a parte do meio levada pela força da corrente que vinha do rompimento da barragem. Ao chegarmos ao local, vimos o que um dia foi uma comunidade - casas e mais casas postas à venda, a maioria delas pela mesma imobiliária. Dificilmente se vi alguém que não estivesse trabalhando na limpeza dos rejeitos por ali - e eram camionetes e mais camionetes passando. A vista do cenário de perto era chocante, e sob sol a pino fomos almoçar ali mesmo, em um pequeno restaurante daquele local, com um prato diferente do outro e uma TV em alto volume falando algo sobre os jogos de futebol da rodada.

Pegamos o ônibus e fomos para Inhotim, o enorme parque de arte contemporânea do “Nhô Timm”. Foi uma pena termos tão pouco tempo para algo tão gigante: um dia inteiro de viagem precisa ser dado só para visitar todas as galerias. Saímos todos um para cada lado, procurando conhecer o máximo possível em um mínimo de tempo - e eu ainda pensando sobre a relação entre artes e lavagem de dinheiro.

“Ao menos que o façam com arte”, disse uma aluna ao ouvir o que eu dizia sobre coisas que já havia lido a respeito em algum lugar da internet. Passamos pelos tubos nos quais se podia ouvir o rumor do fundo da terra; pelos famosos fuscas coloridos; por uma representação de estádio de futebol que víamos de cima de um andaime. Lembro especialmente da galeria de Cildo Meireles, não apenas por ali ver um penetrável - algo que me fez pensar nas igrejas que visitamos como algo um pouco semelhante quando não se tem fé - por dentro do qual andei, sobre os cacos e entre vidros e telas, como pela sala vermelha. Ao fundo, uma torneira escorrendo algo que se pode ler como sangue, como aquilo que pulsa em nós e tinge todo o ambiente. A experiência totalmente cinestésica me remetia a algo barroco - arte que não era feita apenas para ver, mas para sentir, para impressionar. Depois, passamos por Adriana Varejão. As paredes com órgãos por dentro, com textura de carne, os azulejos coloniais enormes me fizeram novamente pensar na experiência de andar pelas cidades históricas do Brasil Colônia. Aquelas paredes tinham vida, tinham órgãos, tinham o sangue de tanta gente explorada e escravizada que as botou de pé. Aquelas paredes ressoam tantas vidas até hoje. E ao fim do dia, exaustos, voltamos para Ouro Preto - e na beira da estrada, queimadas, várias, em certo momento tão próximas que senti calor dentro do ônibus com ar condicionado ligado, nos aproximavam das notícias que liamos sobre a Amazônia pegando fogo e sobre o descaso do presidente do Brasil com seu próprio país sendo destruído por seus asseclas e cúmplices.

Terceiro dia: sombras de Aleijadinho e Mariana noturna

A manhã do terceiro dia começou com a perquirição de Aleijadinho - trabalho de outra das equipes que orientei. Quando vi que íamos a São Francisco de Paula, meu *Guia* bandeirino já avisava que Antônio Francisco Lisboa havia esculpido o padroeiro. Ao chegarmos lá,

foi curioso perceber que a igreja mais "jovem" que estávamos visitando, datada do final do século XIX, era justamente a mais deteriorada. O templo estava fechado, e o guia da viagem apenas nos falava da vista da cidade, do que era possível ver dali, apresentando alguns lugares aos quais não iríamos. Na frente da igreja, havia alguns pedestais vazios, onde (li de novo em Bandeira) que um dia houve estátuas dos evangelistas em louça. Alguém disse que a igreja se abriria às 10 horas para uma missa, o que permitiria entrar e ver o padroeiro - que depois, vim a saber, não estava mais lá dentro. Não pudemos esperar. Depois de alguns cliques com a bonita paisagem, seguimos em direção à Igreja de São Francisco de Assis. No caminho, no entanto, deparamos com a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e da Misericórdia, conhecida como Mercês de Cima, curiosamente aberta. "Nunca pegamos essa igreja aberta nas viagens do Pés", disse o Fernando. Fiquei para trás com Júlia e Mariana, duas das minhas orientandas. Entramos e fomos recebidos por dois jovens sacristãos que nos apresentaram quatro obras de Aleijadinho, deram entrevista e pediram a caixinha para auxiliar o restauro do teto (com vários sarrafos faltando entre rodas de anjos e *ego sum via, veritas et vita* e outros versículos bíblicos). Algumas coisas chamaram a atenção. Enquanto as alunas perguntavam sobre a imagem do personagem Aleijadinho, entre outras coisas, se era visto como negro pelos entrevistados, o que havia dele na igreja e que importância julgavam ter, eu observava um dos primeiros trabalhos do escultor, uma pequena santa, além dos recentemente atribuídos a ele São Raimundo Nonato e São Pedro Nolasco, dois santos de roca. É curioso trabalhar, com as alunas, com a ideia de atribuição da autoria, na medida em que muitas das esculturas que são conhecidas como de Antônio Francisco Lisboa tiveram a autoria atribuída graças a documentos, contratos, recibos ou estudos formais que envolvem os traços típicos de seus trabalhos. Embaixo do altar e à mostra, estava uma estátua do Senhor Morto, em um fundo vermelho, praticamente um *memento mori* fulcral

e glorioso. Depois de ficarmos para trás do grupo todo, algumas mensagens do Fernando avisavam: corre que aqui tem bastante Aleijadinho. E corremos para São Francisco de Assis. Lembrava dos versos de Murilo Mendes, na **Contemplação de Ouro Preto**, livro sobre o qual escrevi parte da minha Dissertação de Mestrado. No poema **São Francisco de Assis de Ouro Preto**, dedicado a Lúcio Costa, assim fala Murilo:

Solta, suspensa no espaço,
Clara vitória da forma
E de humana geometria
Inventando um molde abstrato;
Ao mesmo tempo, segura,
Recriada na razão,
Em número, peso, medida;
Balanço de reta e curva,
Levanta a alma, ligeira,
À sua Pátria natal;
(MENDES, 1994, p. 490)

A visão da igreja de fato era impactante. Destacam-se em especial o frontão em pedra sabão, feito por Aleijadinho e o teto, obra de Mestre Ataíde, para o qual todos olhavam por muito tempo, procurando saborear cada detalhe. Novamente, era preciso contextualizar, por exemplo, quem era o santo padroeiro da igreja e por que os estigmas que recebeu serviam de símbolo a sua irmandade, e iam se cruzando conhecimentos históricos, literários, geográficos e científicos enquanto aquele lugar se fazia uma verdadeira sala de aula. Impressionava os alunos saber que havia túmulos sob seus pés, ou ainda, pensar que os santos ali expostos tinham cabelos humanos, o que dava às imagens, também, um clima algo mórbido.

Seguimos dali para a Casa dos Contos. Para um dos meus grupos, tratava-se de finalmente conhecer o lugar onde havia ficado preso o Fantasma do Inconfidente, Cláudio Manoel da Costa. A casa, que foi

residência do contratador João Rodrigues de Macedo, serviu tanto de esconderijo como, posteriormente, de prisão aos inconfidentes de classe alta, como o era Costa. Há controvérsia inclusive sobre o lugar onde foi achado seu corpo, se debaixo da escada, se na sala vizinha, que em boa parte trata de sua vida. Fizemos algumas cenas para o audiovisual da equipe das histórias fantasmagóricas ali mesmo, inclusive com um dos alunos recitando versos de um soneto de Costa, estampado na sala ao lado da escadaria, que assim dizia:

Se os poucos dias, que vivi contente,
Foram bastantes para o meu cuidado,
Que pode vir a um pobre desgraçado,
Que a idéia de seu mal não acrescente!

Aquele mesmo bem que me consente,
Talvez propício, meu tirano fado,
Esse mesmo me diz, que o meu estado
Se há de mudar em outro diferente.

Leve pois a fortuna os seus favores;
Eu os desprezo já, porque é loucura
Comprar a tanto preço as minhas dores:

Se quer que me não queixe a sorte escura,
Ou saiba ser mais firme nos rigores,
Ou saiba ser constante na brandura.
(COSTA, 1996, p. 65)

O lugar ainda nos permitia conhecer o que fora um dia uma senzala, com o piso cheio de pedras desconfortáveis nos quais podíamos imaginar pessoas tentando dormir com frio, uma ampla exposição de artefatos do período colonial que éramos proibidos de fotografar, por serem parte de uma coleção particular. O curioso caso do europeu que coleciona inclusive objetos utilizados para tortura dos escravizados e não permite sequer fotografá-los. Partimos dali para o

almoço, e seguiríamos até Mariana no início da tarde. Em Mariana, visitamos, em grupos separados e alternadamente, a Mina da Passagem e uma oficina de pedra sabão. A Mina, diferentemente da Santa Rita, que fora aberta por escravizados a picareta, datava do século XIX, e foi feita com uso de explosivos. Era necessário descer em uma espécie de vagonete tracionado por cabos, o que dava certa sensação de montanha russa. O grupo teve de se dividir em dois blocos, pois o carrinho não comportava todos. Os primeiros a chegar resolveram tentar dar um susto nos segundos e filmar o momento. Não apenas o susto não deu certo, como ficou emblemática minha passagem retardatária correndo atrás dos alunos - e rindo. Sobrou um vídeo disso, claro. No interior da mina, também havia águas cristalinas, nas quais profissionais costumavam praticar mergulho. Uma mediadora explicava o funcionamento do trabalho de extração de ferro daquelas minas, e as várias peças usadas em sua exploração hoje expostas como coisa de museu. É, segundo ela, a maior mina aberta para visitação do mundo.

Seguimos dali para uma oficina de pedra sabão. Já que ouvimos tanto falar dos trabalhos de Aleijadinho com essa pedra, por que não experimentar esculpí-la? Fomos instruídos por Afonso Bretas, restaurador, artista e tão professor, e começamos a olhar para as pedras buscando nelas alguma forma. Com formão, lixas, fomos, aos poucos, tendo a experiência de como é trabalhar com um material tão sensível, que vai soltando talco em nossas mãos. Alguns gostaram mais, outros menos do que conseguiram produzir; ainda assim, foi um momento de fazer artístico em que todos trabalharam juntos e procuraram se ajudar. Muito mais do que apenas falar sobre como é trabalhar com aquele material, os estudantes puderam fazer, sentir, o que é fundamental para a modificação da relação com o saber. Trouxe para casa o raio que esculpi na pedra - e não quis encerar, pois gostei da cor da pedra sem cera. Ao final, o artista que nos ensinou fez uma fala sobre a importância de fazer trabalhos únicos, uma vez que muito

do que se vende como artesanato em feiras é cortado e produzido com máquinas. Ofícios como aquele são os que aparentemente estão desaparecendo, em tempos nos quais a técnica dia após dia parece querer suplantá-lo e a reprodução se sobrepõe à unicidade das experiências.

Chegamos ao centro de Mariana quando já caía a tarde. No largo em frente à Sé, mais uma aula sobre a importância daquela cidade em nossa história colonial. Passando pela Rua Direita, procurávamos solares, sobrados, e pensava junto com a equipe das lendas urbanas na lenda da “Mulher da Rua Direita”. Quantas lendas envolvem tragédias de casamentos, disse eu para que eles pensassem... E eis que pararam em alguma loja e conseguiram, também, ouvir várias histórias de assombração das senhoras que ali viviam. Numa rápida caminhada pela cidade, ainda passei pela casa onde nasceu Cláudio Manoel da Costa - o fantasma que perseguia. Chegamos, por fim, a um triângulo formado pelas igrejas frequentadas pelas elites e a casa do Conde de Assumar. Ali, próximo de nós, o pelourinho, sobre o qual se colocavam a Coroa, a espada e a balança da justiça, e nos lembrava tanta violência e humilhação perpetradas em nome da fé e do colonialismo - algo que infelizmente, até hoje, não superamos. Jantamos em Mariana e tivemos um tempo numa praça daquela pequena cidade, com vários alunos no coreto, outros procurando entrevistar os locais, outros, ainda, gravar parte de seus audiovisuais, a exemplo da equipe que orientei e investigava a Guerra dos Emboabas, que passou bastante trabalho com sua escolha. Discuti com eles sobre como era difícil achar os indícios na paisagem de um conflito tão antigo, que remonta a um tempo em que sequer a cultura letrada estava bem estabelecida e sobre os quais são poucos os registros. Ainda assim, a pesquisa também implica saber lidar com os achados que são possíveis e os desafios que os objetos nos colocam.

Quarto dia: Ai, palavras!

Nosso quarto dia em Ouro Preto começou com sabor de despedida: iríamos dali para Tiradentes e de lá de volta para Florianópolis. Faltava, pois, visitar algumas das construções centrais da cidade de Ouro Preto. Começamos o dia indo ao Carmo. O templo rococó impressiona pelas dimensões, e novamente o grupo que pesquisava o Aleijadinho estava às voltas com seu trabalho. Encontramos riscos atribuídos a ele nas paredes da sacristia, altares de sua lavra e subimos aos camarotes da igreja para fazer cenas para o trabalho - filmei Mariana em mais uma das cenas, explicando os altares e a vista da igreja. Ao lado do Carmo, visitamos um museu de oratórios, em que se via desde enormes exemplares dessa arte até miniaturas esculpidas em munições de armamentos vários. Entramos, em seguida, no Museu da Inconfidência. Através de suas várias salas, íamos conhecendo a história do cotidiano de homens e mulheres que viveram naquelas Minas Gerais desde o início de sua ocupação, desde o estabelecimento das sesmarias, passando por utensílios do cotidiano, a sala com os túmulos dos inconfidentes - novamente alguém contava uma história de como o vento que por ali passava deveria ser alguma alma atormentada -, Maria Doroteia, Bárbara Heliodora, as primeiras edições de alguns dos livros dos árcades. Ao chegarmos na sala em que se concentram os trabalhos de Aleijadinho, chamava a atenção seu São Jorge, suas figuras de presépio, e um Cristo cuja sensualidade de contornos evocava na mesma figura o humano e o divino, a carne e o espírito, a vida e a morte. Flagrei a mim mesmo mais de uma vez pensando em minha criação católica interiorana e em como mesmo tendo abandonado a religião, ainda conseguia atribuir sentido àqueles símbolos. Ver, ainda, os recibos assinados por Antônio Francisco Lisboa, imaginar sua figura vagando e se escondendo por aquelas paragens, fazia de toda visita algo ainda mais assombrado.

Sáimos do Museu da Inconfidência - não sem encontrar uma vendedora de pulseiras que estava por toda parte, a quem os estudantes adoraram - e fomos ao teatro mais antigo da América Latina, construído em 1769, antes mesmo do Rio de Janeiro ou de outras capitais. A antiga Casa de Ópera de Vila Rica fazia pensar na teatralidade barroca de tudo o que já se viveu e se vive, em como dia após dia a surrealidade da vida nos sugere que estamos sonhando. Terei eu sonhado toda essa viagem, todo esse percurso, todos esses estudantes e colegas e seus olhares de deslumbramento? Terei eu sonhado que subi ao palco, trazendo na mão meu exemplar do **Romanceiro**, e ainda mais uma vez declamei Cecília Meireles?

Romance LIII ou das palavras aéreas

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos

sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
- e estais no bico das penas,
e estais na tinta que as molha,
e estais nas mãos dos juízes,
e sois o ferro que arrocha,
e sois barco para o exílio,
e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra..

Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

- Acusações, sentinelas;
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!
(MEIRELES, 1972, p. 136-138)

Falava do passado mas ouvia os ecos do presente. Falar do poder de palavras, que condenam, que podem matar ou libertar, em um país que vive a escalada do discurso de ódio, em que se confunde liberdade de expressão com a defesa do extermínio daquele que pensa diferente, que elegeu um presidente relevando os piores absurdos que possa dizer, ou ainda, se identificando com esses mesmos absurdos, que dia após dia ver o direito ser dilapidado por condenações sem provas, apenas por convicção. Falava de Tiradentes mas pensava que tudo aquilo não havia morrido, que a história e cada uma daquelas palavras ali se fazia presente, falando e tocando em nossa experiência histórica do agora. Vi vários de meus alunos às lágrimas. Era a liberdade das almas com letras se elaborando, como disse Cecília; era um momento em que o poema, esse gênero tão difícil, parecia ter feito sentido, ter sido sentido. Depois do almoço, seguimos para Tiradentes, nossa última parada na viagem. Chegamos lá ao anoitecer, e nos instalamos na pousada em que faríamos nosso último pernoite. Os estudantes confraternizaram dançando em torno da piscina que havia na pousada, e depois, fomos para o lugar onde jantaríamos, próximo à estação de

trem. Havia uma pessoa cantando ao vivo, e uma das nossas alunas, Lara, pediu para cantar uma música e tivemos um momento de catarse coletiva: choro, abraços e mais abraços, agradecimentos pela realização da viagem e do projeto, falas do professor José Carlos e do professor Fernando sobre a história do projeto e o significado daquele momento. Foi um destes momentos em que sentimos o reconhecimento e a gratidão por todo o esforço implicado em realizar a viagem.

Quinto dia: “A mim o que mais me doera se eu fora o tal Tiradentes...”

Tínhamos o último dia de viagem para conhecer a arquitetura colonial tão bem preservada em Tiradentes. Cidade pequena, de apenas sete mil habitantes, em certos momentos parece até cenográfica - e o guia insistia em dizer “aqui foram gravadas cenas das novelas Hilda Furacão, Memorial de Maria Moura, Cabocla, Coração de Estudante, Espelho da vida e do filme O Menino Maluquinho”. Passamos pela fonte da cidade, que ficava próxima da hospedagem, pensando no tipo de socialização que ali se estabelecia e no papel que tinha na vida de uma cidade colonial, dado que a água é fator central para nossa subsistência.

Seguimos vendo conjuntos de casas, aprendendo o que eram aldravas, eiras, beiras, conhecendo até mesmo a primeira loja maçônica do estado de Minas (e pensando em como essa mão sempre esteve oculta e presente em muitos momentos da História do Brasil) e chegando a uma portentosa igreja cheia de ouro. Por todos os lados, o peso massivo de tanto ouro retirado das Minas para reafirmar o poder e a glória da igreja e de homens brancos que tanta violência cometeram em nome da fé. (E eis que escrevo essas palavras em pleno curso de um golpe de Estado na Bolívia, que revive todo esse cenário colonial, pela imposição da Bíblia sobre os povos originários.) Entramos na Igreja Matriz de Santo Antônio pela lateral, e enquanto ouvíamos argumentos sobre qual das igrejas mineiras tinha mais ouro, olhava para um enorme

órgão vindo do Porto em pleno século XVIII, pensando no sentido da presença de tanto luxo em uma cidade tão pequena, ouvia técnicos do IPHAN conversando com o vigário sobre providências necessárias às obras de restauro daquela igreja. Não havia como deixar de refletir, também, sobre o desmonte de todo o aparato estatal ligado a cultura no país. Dias depois, lia com pesar que técnicos de carreira com conhecimento sobre preservação do patrimônio e competência comprovada no setor eram sacados da chefia estadual do órgão e o presidente indicava para chefiá-lo um cinegrafista que muito certamente desconhece o que quer que seja sobre patrimônio histórico e artístico nacional. Só conseguia pensar no quão desrespeitados estariam se sentindo os técnicos que vira aquele dia na igreja.

Saindo da igreja, fomos para o Museu Casa do Padre Toledo. Pela primeira vez, éramos recebidos por uma mulher em um museu, estudante de História, que tratou de contar a história do padre leitor simpático aos inconfidentes, bem como explicar a estrutura da casa. Todos já estavam bastante cansados, o que era nítido nos semblantes, mas eis que finalmente estávamos em uma cidade que trazia algo da memória da Guerra dos Emboabas para a equipe de meus orientandos que pouco tinham conseguido obter de dados até então. Uma das salas do museu tinha mapas do conflito, duas entrevistas foram feitas ali e partimos para o último almoço.

À tarde, depois de um passeio pelo comércio local, pelas praças, fomos tomar o trem para São João Del-Rei, já visto algumas vezes pela tela da TV. Na experiência da viagem lenta, refletíamos sobre a semana toda, e os sorrisos se misturavam com a saudade que já se manifestava antes da partida. Exaustos, embarcamos de volta para a casa, com a bagagem plena de experiências a serem discutidas, trabalhadas, delinadas, até o fechamento dos audiovisuais e do ciclo do ano.

*

A viagem a Minas Gerais nos nonos anos é um esforço anual de construção de um momento de aprendizagem significativa dos conteúdos da série, uma semana de aulas de campo, de pesquisa, e para vários de nossos estudantes de escola pública, por vezes a primeira e por bom tempo a única experiência de viagem longa, interestadual, com hospedagem em hotel, longe dos pais, com almoço e jantar fora de casa. Obviamente, toda essa experiência tem custos, e como escola pública, precisamos viabilizar a participação de todos os estudantes que queiram viajar. Para tanto, um dos principais desafios é, sempre, a arrecadação de recursos para viabilizar os estudantes em vulnerabilidade social. A cada ano, é patente o crescimento do número de pedidos de auxílio, e professores, estudantes e famílias se viram em dez com vendas de bolos, lanches, rifas, trabalho em eventos da escola, busca de doações, todas as formas possíveis de arrecadação. Contamos com dois ônibus obtidos através da Administração Central da UFSC, os quais tornam a viagem viável. No entanto, trabalhamos com um cenário de cortes na educação por parte do governo federal. Com o fato de termos passado todo o ano de 2019 sob a tensão do contingenciamento imposto pelo Ministério da Educação, o qual fez com que a universidade vivesse a tensão, ao longo de todo o ano, de não ter recursos para encerrar o ano letivo, e o anúncio de que potencialmente o orçamento das universidades federais pode ser até 40% menor para custeio em 2020, sentimos grande tristeza por pensar que manter essa iniciativa, realizada ao longo dos últimos anos, muito provavelmente não será possível. A viagem teve o sabor de última, mas também da abertura de um novo ciclo. Não desistiremos, no entanto, de trabalhar com a pesquisa como princípio pedagógico na educação básica. Remodelaremos as atividades do projeto para pensar questões locais, as quais também merecem nosso olhar mais atento. No entanto, é patente que a experiência da viagem é transformadora, na medida em que nenhum viajante volta o mesmo depois de passar pela estrada.

Todos olhamos com olhos diferentes para o que nos é cotidiano quando nos abrimos para a alteridade, para a diferença, para a experiência do outro, e para o quanto dele há em nós, para o quanto de nós há nele.

Referências

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. **Guia de Ouro Preto**. 8. ed. São Paulo: Global, 2015.

COSTA, Cláudio Manoel da. XXXII. In: PROENÇA FILHO, Domicio (org.). **A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manoel da Costa**, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1996.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Org. Luciana Stegagno-Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.